

“Opinião de Nara” O Nacional e o Popular na obra da intérprete Nara Leão

DANIEL LOPES SARAIVA *

1. O Panorama Musical das décadas de 50 a 80

Ao longo de toda a década de 1950, muitos artistas do Rio de Janeiro e alguns em São Paulo estão trabalhando (sem intenção) no que seria, para alguns músicos e críticos musicais, a modernização da música brasileira. Essa música *moderna* seria a Bossa Nova, que em 1958 estoura com o lançamento do LP de João Gilberto *Chega de Saudade*, considerado um marco na música brasileira. Marcos Napolitano atribui ao trabalho de João Gilberto o papel de um possível sintetizador das principais influências musicais dentro do cenário cultural da época no Brasil. Dessa forma, figuraria como o difusor da linha que passou a balizar aquilo que vinha sendo feito pela maioria dos integrantes da Bossa Nova:

Dialogando com a tradição da música brasileira, João Gilberto incorporou a bateria das escolas de samba de maneira inusitada: seu polegar reproduzia a marcação do surdo – tangendo a primeira corda do violão --, enquanto os três dedos médios “batacavam” as cordas inferiores como se fossem um tamborim. A orquestra do samba, produto de uma ancestralidade que vinha das senzalas, passara pelo morro e chegara ao disco, transformando-se em um material de uma performance minimalista que, a princípio, era sua negação, mas, ao mesmo tempo, sua continuidade. (NAPOLITANO, 2007:69)

A Bossa Nova traz para a classe média a intensificação do costume de comprar música brasileira. Em 1959, apenas 35% dos discos vendidos eram de música brasileira; 10 anos depois, as cifras mudaram e 65% dos discos vendidos são de música brasileira (Ibidem:68). Esse movimento de difusão engloba ainda os universitários pertencentes à classe média, que logo assumiram grande importância, tanto no cenário político quanto

* Mestrando do programa de pós-graduação strictu sensu em História da Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). Bolsista CAPES

no musical. Não foram poucos os shows da Bossa Nova apresentados em universidades, provocando cada vez mais a adesão de jovens interessados pela música brasileira.

Entre 1962 e 1963, é identificada a divisão da Bossa Nova em duas linhas – a *jazzística* que passa a ser considerada alienada (sob a ótica do pensamento esquerdista); e a *nacionalista*, engajada. Após o golpe de 64, esta última adquire uma maior importância em virtude do contexto político vigente. (Ibidem:73)

Muitos eram os representantes dessa música engajada: Nara Leão, Geraldo Vandré, Chico Buarque, Carlos Lira; cantores que passam a cantar o cotidiano de um povo sofrido e discriminado. Entretanto, não foram todos os cantores de música engajada que tiveram ligação com a Bossa Nova. Nessa época estilos musicais como o samba de morro são tirados do ostracismo e reapropriados, ganhando importância e status, tornando-se assim uma vertente da MPB, é nessa época que a sigla vai se institucionalizando e ganhando gradativamente uma significativa importância.

Contra a implementação do regime militar, manifestações foram organizadas por vários setores culturais. Muitas vezes, música, teatro e cinema se fundiram nessa luta pela Liberdade não só de expressão, mas como uma forma de tentar um país mais igualitário. Alguns exemplos são os espetáculos *Opinião*, *Arena canta Zumbi* além de filmes como *Rio 40 Graus*, *Terra em Transe* e várias composições que também repudiavam o golpe. (RIDENTI,2000:379-417)

Com a popularização da televisão na década de 1960, a audiência do rádio vai aos poucos migrando para este novo meio de entretenimento, passando com o tempo a assistir programas musicais pertencentes a artistas da MPB como *O fino da Bossa*¹ ou o programa *Jovem Guarda*².

Cabe lembrar ainda o início dos festivais, que alcançaram grande destaque na mídia. Eram concursos organizados pelas emissoras de televisão, nos quais os compositores inscreviam suas canções, que podiam ser interpretadas por eles ou por

¹ Programa produzido pela TV Record em 1965, seus apresentadores eram Jair Rodrigues e Elis Regina, seus convidados eram geralmente pessoas ligadas a música brasileira e sua apresentadora chegou a encabeçar uma marcha contra a guitarra elétrica, elemento muito importante no movimento da Jovem Guarda.

² Programa produzido pela TV Record em 1965, apresentado por Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléia, influenciado pelo rock and roll internacional.

outros intérpretes. Esses programas passam a vender a imagem do artista, pois, com o advento da televisão, som e imagem se completam. Portanto, não só a música era vendida, mas também a figura do artista. Esse fator aumenta tanto a vendagem de discos quanto a popularidade destes artistas, o que leva muitos desses a se tornarem apresentadores. O público vibrava, torcia pelo seu artista preferido, para Napolitano, os festivais seriam uma nova roupagem da era do rádio, onde já ocorriam disputas musicais, com plateia. “A televisão transforma-se na vitrine de exposição do artista”. (NAPOLITANO, Op. cit:87-91)

Enquanto a sigla MPB se consolidava, os gêneros musicais que não se encontravam nesta sigla ou em qualquer vertente desta eram relegados ao esquecimento ou considerados “menores” (pelos críticos e intelectuais) que os cantores que se enquadravam na sigla, como ocorreu com muitos dos cantores da *era do rádio* ou mesmo com aqueles da Jovem Guarda, que, apesar de terem público, eram considerados alienados. Primeiro, por não se posicionarem politicamente em um período de ditadura. E, em segundo lugar, por inserir a música estrangeira no cenário nacional, o que para os intelectuais e críticos musicais era considerado imperdoável. (Ibidem, 96-98)

Entretanto, é necessário relativizar essa informação, pois apesar de ignorados pela crítica, muitos desses cantores colocados à margem, eram muito ouvidos e consumidos por um público que não estaria inserido na elite intelectual e, por isso, muitas vezes são esquecidos pelos pesquisadores que são dessa elite. É essa imagem que Paulo Cesar de Araújo defende: a de que os cantores *bregas* e *cafonas* foram deixados de lado por apenas uma parcela da população, a classe média, pois as camadas populares escutavam e ainda escutam esses artistas. (ARAÚJO,2002:15-17)

Paralelo a esses processos, a situação política vai se agravando. Os compositores e cantores que criticavam a ditadura eram censurados, e em 1968, com o advento do AI 5, vários destes foram exilados ou tiveram de se exilar em função da perseguição política. (NAPOLITANO,2002:68-69)

A MPB, porém, já estava no topo da hierarquia cultural e, na década de 1970, quando alguns desses cantores estão voltando do exílio, ela já era considerada como música culta e de bom gosto. Napolitano ressalta ainda que a sigla passa a ser “ um

filtro de organização do próprio mercado, portanto uma curiosa e problemática simbiose entre a valorização estética e sucesso mercantil”.

Esta faceta sociocultural da MPB, indo além da mera função estética, passou a funcionar como uma instituição musical que reelaborava o passado e apontava para novas tendências, tendo como balizas o gosto musical da classe média brasileira, historicamente ligada à renovação musical desde a Bossa Nova. (Ibidem:68-69)

Ou seja, MPB passa a ser uma instituição, pois teria o “poder” de decidir o que seria sucesso ou não. O autor ressalta ainda que sua composição era feita por jovens e adultos intelectualizados, pertencentes à classe média, que habitavam áreas urbanizadas dos grandes centros brasileiros. Destaca também que a definição do que seria MPB passaria mais por critérios socioculturais, “implicando em tipos de audiência, reconhecimento valorativo e circuitos sociais da cultura”. (Ibidem:72)

Como visto, a MPB como instituição se cristaliza nos anos 1970. Já no começo dos anos 1980, mesmo com a grande audiência do rock brasileiro, os grandes cantores da MPB não ficaram esquecidos e continuaram vendendo discos. Os artistas que participaram do crescimento da MPB nos anos 1980 chegam a alcançar um caráter de sagrado, o que daria a eles o poder de cantar qualquer tipo de música, que muito provavelmente esta seria absorvida pela sigla. (Ibidem,:72-73)

Para explicar esse contexto, Alberto Moby seguindo as ideias do Hobsbawm fala de invenção de uma *tradição*, que seria importante para demarcar no mercado o segmento MPB: a de uma luta contra o regime ditatorial. Esses cantores inseridos nessa *tradição* teriam uma identificação com a classe média urbana intelectualizada, e por isso até hoje tem uma representação significativa no quadro cultural do país. O autor ainda explica que a expressão MPB não se referia a toda e qualquer manifestação de Música Popular Brasileira, mas sim a uma música urbana consumida e produzida em sua maioria pela classe média intelectualizada brasileira. (SILVA,2008:157)

Então, nas décadas de 1960 até 1980, a dita MPB vai ganhando as casas e fazendo parte da vida dos brasileiros, situando-se em um local privilegiado no país. A carreira de Nara Leão se desenvolve justamente nessas décadas.A obra da cantora favorece o

entendimento musical de uma época muito complexa e que ainda carece de estudos aprofundados no que se refere à relação entre música, sociedade e política.

2.A Trajetória de Nara Leão

Nara Lofego Leão nasceu em 19 de Janeiro de 1942, em Vitória. Quando tinha apenas um ano, seus pais Jairo e Tinoca Leão, mudaram-se para o Rio de Janeiro. Apesar de ser uma família de classe média, Nara ressaltava que ela e sua irmã Danuza foram criadas sem aqueles valores tradicionais da classe, fator esse que futuramente lhe possibilitaria tornar-se cantora. Sua trajetória musical começou cedo, quando, aos doze anos, passou a estudar violão com o professor Patrício Teixeira. Em uma época em que eram poucas as mulheres de classes mais altas que tocavam violão – pois o músico era estigmatizado como “vagabundo”- , é fácil imaginar o que fariam de uma jovem cantora. Entretanto, isso não era problema para seu pai, pois foi ele quem a matriculou nesse curso (CABRAL,1994:9-17). Desde muito jovem, participava de rodas de violão na casa de conhecidos, com seu amigo Roberto Menescal, do qual havia se tornado amiga em função da música.

Em 1958, com a gravação de *Chega de Saudade*, a Bossa Nova tornou-se conhecida nacionalmente e os shows em universidades e bares com a turma da Bossa aumentavam com rapidez. (Ibidem:22)

Segundo seus criadores, a Bossa Nova seria uma mistura de *tradição* e *modernidade*, a junção de elementos do bolero, jazz e samba, uma mistura de gêneros com uma interpretação mais contida, condizente com os lugares de início da bossa, apartamentos e barzinhos. A Bossa Nova se torna então um movimento com todas essas características. (NAPOLITANO,2007:Op. cit:67-70)

Diferentemente do que muitas vezes é dito, aquilo que mais tarde se convencionou chamar Bossa Nova não havia sido iniciado no apartamento de Nara Leão, pois isso seria desconsiderar centenas de profissionais que, desde pelo menos 10 anos antes, já vinham contribuindo para o que o autor Ruy Castro chama de “a modernização da música brasileira”. Entretanto, não se pode subestimar a importância

deste espaço para o movimento, já que foi aí que nasceram várias composições e se programaram shows que fariam parte da história da Bossa Nova (CASTRO,2008:11-22). Aqui, identificamos um exemplo de quão moderno era Jairo Leão, pois permitia que essas reuniões ocorressem em sua casa, coisa não muito comum naquela época para o pai de uma garota.

Nara, que sempre negava o título de musa da Bossa Nova, foi a inspiradora de várias canções desse movimento como *lobo bobo*, *o barquinho*, *Nós e o mar* entre outras, compostas em grande parte por Ronaldo Bôscoli, seu namorado à época e considerado um dos líderes do novo estilo.

Entretanto Nara não gravou Bossa Nova em seu início, ainda que tenha participado dos primeiros shows, sua capacidade como cantora era muitas vezes questionada por membros do grupo em sua biografia Bôscoli diz que Nara ficava sempre em segundo plano no grupo da Bossa Nova, isso devia a opinião de João Gilberto sobre a voz da cantora, para ele Nara semitonava. (MACIEL,1994:170-171)

Nos anos de 1962 e 1963, ocorreu uma cisão na Bossa Nova e duas linhas se firmaram: a *Jazzística* e a *Nacionalista*. A primeira continuava com os temas cantados desde o início da Bossa Nova – amor, sol, flor – e não fazia críticas ao regime militar. Já a segunda tinha uma letra mais engajada e, além de criticar o regime, cantava as mazelas sociais do povo. Entretanto, as duas conservaram o modo intimista de interpretar as canções. Nara, que, desde que havia rompido com Ronaldo Bôscoli se aproximara da linha nacionalista, resolveu lançar seu LP em 1964, a convite de Aloysio de Oliveira, pela gravadora Elenco. Contrariando o esperado, gravou sambistas como Cartola e Zé Kéti. Essa linha nacionalista passaria a ser chamada de engajada pelos críticos musicais da época. Nara já havia gravado uma participação no LP de Carlos Lyra e estava cada vez mais próxima do que se considerava como esquerda. E, ao se aproximar desta vertente, Nara passou a questionar as letras bossanovistas, que, segundo ela, não condiziam com a realidade do povo. Com essa atitude, muitos de seus antigos companheiros de Bossa ficaram bem chateados, e a reconciliação só viria em 1971, em seu LP *Dez Anos Depois*. (Ibidem:54-57,170-171)

Em seu segundo disco, Nara continua cantando a música engajada e nacionalista, destacando as mazelas do país, e também composições que se referem à vida humilde do cidadão brasileiro. Apesar de manter alguma referência à Bossa Nova, em seu estilo de cantar, que seria considerado junto com o de João Gilberto, os padrões do estilo musical: um canto em baixo volume, muitas vezes acompanhada apenas do violão (marcante em toda a sua carreira), e um repertório predominantemente engajado, à base de sambas. Esse LP foi lançado após o golpe militar, e a partir daí, Nara se tornou um referencial contra a ditadura, em suas músicas, falas e interpretação. (NAPOLITANO, Op. cit:112)

Este segundo disco, intitulado *Opinião de Nara*, foi ouvido pelo dramaturgo Oduvaldo Viana Filho, que teve então a ideia de fazer um show para abrir o Teatro Arena, criado das cinzas do Centro Popular de Cultura (CPC). Para o espetáculo foram convidadas três pessoas que bem representavam as diferenças sociais brasileiras: João do Vale, o homem nordestino do campo; Zé Kéti, o malandro urbano do morro; e Nara Leão, a menina da Zona Sul do Rio de Janeiro. A estreia do show *Opinião* ocorreu no dia 11 de dezembro de 1964, com muito sucesso tanto de público como de crítica. Em meio às brincadeiras, o show fazia duras críticas à ditadura e, por isso, o teatro era lotado com meses de antecedência. (CABRAL Op. Cit:78)

No início de 1965, com problemas na voz, Nara precisou abandonar o show, tendo então a ideia de fazer uma viagem pelo Brasil para conhecer a música de outras regiões. Para ocupar seu lugar, sugeriu a jovem Maria Bethânia, que tinha conhecido em uma viagem à Bahia. Já nessa época, Nara descobria novos talentos, característica que marcaria toda sua carreira. (Ibidem:81-85)

Nara ainda participaria de outro espetáculo que tinha como eixo a crítica à ditadura – *Liberdade, Liberdade*, em 1965, com a presença não só da cantora, como também dos atores Paulo Autran e Tereza Rachel. O roteiro, assinado por Millôr Fernandes e Flavio Rangel, traz uma compilação de vários textos e canções sobre o assunto em voga, *LIBERDADE*³. Participou de filmes, como o famoso *Quando o Carnaval Chegar*, de 1972, em que atuou ao lado dos cantores Maria Bethânia e Chico

³ Encarte do LP “*LIBERDADE, LIBERDADE*”, lançado em 1966.

Buarque, entre outros. Suas críticas à ditadura ficaram famosas. Durante a ditadura militar, em várias ocasiões, a cantora expressou seu posicionamento contrário à condução da política brasileira e, em função disso, ficou durante muito tempo estigmatizada como cantora de protesto.

Desde seu primeiro LP, Nara mesclava peças dos compositores Cartola, Nelson Cavaquinho e Zé Kéti, sambistas do morro, pouco conhecidos do público de classe média ou que experimentavam dificuldades em difundir seu trabalho, com outras de compositores em início de carreira. Foi ela primeira a gravar Chico Buarque, Sidney Miller e outros. Segundo Zuza Homem de Mello, ser gravado por Nara era um passaporte para o Olimpo da Música Popular Brasileira.(MELLO,2003:133) Gravou divisas musicas tradicionais .Chegou mesmo a dividir o palco com cantores principiantes. Um dos exemplos é o show *Nara muito informal*, que fez com Fagner, em 1973. Em depoimento Ronaldo Bôscoli no livro *Eles e Eu*, diz: “ela farejava os novos talentos, desde a Bossa Nova”. (MACIEL, Op. cit:171)

Nara ainda participou da Tropicália , um movimento cultural em vários setores das artes plásticas, do cinema e na música. Sobre este movimento, Napolitano resume as ideias de Caetano:

Na esfera especificamente musical, Caetano defendia a necessidade de incorporar materiais e técnicas que não se limitassem aos “gêneros convencionais de raiz”, nem ao campo folclórico, absorvendo inclusive as modas musicais internacionais e gêneros considerados “menores” na hierarquia cultural. A partir de 1967, esse projeto musical recebeu o nome de “som universal”. No plano da composição , Caetano comparou esse procedimento ao som da bossa nova, assumindo a utopia, latente no seu projeto, da “autonomização” de artistas e consumidores de arte em relação a imposições do mercado de bens culturais. (NAPOLITANO,Op. cit:131)

Nara, mesmo que não muito presente, ajudou na sua repercussão, por já ser uma cantora consagrada. O próprio Caetano Veloso coloca Nara como uma pessoa sem preconceito em relação ao Tropicalismo, diferentemente de seus companheiros de Bossa-Protesto. A propósito da peça *Lindonéia*, cantada pela intérprete no disco *Tropicália ou Panis et Circenses*, foi ela quem sugeriu a Gil e a Caetano que a compusessem baseada em um quadro do pintor Rubens Gerchman que tinha esse nome. Para Caetano, “Nara representava a Bossa Nova em sua origem e liderava a

virada para a música participante, era, portanto, a música brasileira em pessoa” (VELOSO,1997:269)

A cantora nada tinha contra a Jovem Guarda(Em 1978 gravou um disco só com músicas de Roberto e Erasmo Carlos, dois dos principais representantes do movimento), que para muitos cantores, compositores e críticos, era a antítese do que deveria ser a música brasileira, seja pelas letras consideradas “vazias” ou pela influência norte-americana, e mesmo pelo que entendiam como a pouca capacidade de cantar de seus integrantes. Por esses motivos, o movimento era repudiado pela maioria dos setores da MPB que, consideravam a Jovem Guarda um movimento alienador (NAPOLITANO, Op.cit:95-98). Chegou mesmo a compor e gravar várias versões de canções internacionais. Além disso, cantou música infantil, regional, samba, samba enredo, música romântica (o bolero *Lindonéia* é um exemplo), além de Bossa Nova, música engajada, etc.

Nara contribuiu para a institucionalização da Música Popular Brasileira (mesmo não tendo noção disso), durante toda sua carreira, sem preconceito. O crítico musical Tárik de Souza, em um texto para a coletânea com toda a obra da artista lançada em 2002, tenta resumir seu perfil:

Nara sabia para que, quando e como usar sua voz de soprano ligeiro com inclinação ao falsete. Descobriu novatos, renovou esquecidos, estabeleceu pontes com a vizinhança latina e com a protest song americana, elegeu prioridades e abriu a mente da multidão que a ouvia. Cantou sempre com inteligência, sensibilidade e convicção. (SOUZA,2002)

Analisado a carreira de Nara, podemos perceber a busca pela construção de uma música *nacional-popular*, sem uma hierarquização de gêneros, uma vez que a cantora cantou diversos estilos musicais, buscando as diversas formas de representação do Brasil através das canções. Pensá-la apenas como representante da Bossa Nova ou de qualquer grupo específico seria perder muito de sua carreira.

3.Conclusão

O que pode ser percebido ao analisar a carreira musical da intérprete Nara Leão é que ela sempre esteve ligada a diferentes movimentos musicais, seja a música engajada, Bossa Nova, Tropicália, ela mostra então o quanto as fronteiras culturais e musicais são fluidas. Sua ideia de *Nacional* e *Popular* não seria a mesma dos intelectuais pois para ela qualquer música teria esses atributos, isso fica claro quando ela grava versões de canções estrangeiras, a artista detestava rótulos, gostava de gravar o que gostaria de escutar, portanto gravou diversos compositores como observado na tabela e diversos gêneros musicais, entretanto, como já ressaltado em outras partes do texto, ela não foi uma cantora das multidões, não vendia muitos discos, odiava ser famosa, tinha o estilo bossanovista de cantar que possivelmente não agradava o grande público, portanto, mesmo gravando compositores que falavam do cotidiano do povo sofrido, ela não chegou a ser uma cantora popular, mas tem um papel fundamental na institucionalização da MPB e na música popular brasileira como um todo.

É possível afirmar ainda que as canções gravadas pela intérprete mostram diferentes retratos de um mesmo Brasil, uma vez que os compositores gravados por ela pertencem a diferentes estilos musicais, diferentes regiões e tinham concepções diferentes da vida, essa multiplicidade de compositores gravados pela intérprete mostra que ela passa sua carreira buscando o *popular* e o *nacional*. Apenas uma artista com uma visão do todo poderia ter uma obra tão rica, o que faz com que a intérprete mesmo não tendo conquistado multidões esteja até hoje na memória de muitos e sendo redescoberta pela juventude, uma vez que artistas como Fernanda Takai regravam seu repertório, possibilitando às novas gerações conhecer uma das intérpretes mais importantes do país.

4. Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, Paulo César. **Eu não sou cachorro, não. Música popular cafona e ditadura militar**. RJ: Record, 2002..
- CABRAL, Sérgio. **Nara Leão: Uma Biografia**. Rio de Janeiro: ED. Lumiar, 2001.
- CASTRO, Rui. **Nara Leão**. Coleção 50 Anos de Bossa Nova. Rio de Janeiro: MEDIA fashion, 2008.

MACIEL, Luiz Carlos; CHAVES, Ângela. **Eles e Eu - Memórias de Ronaldo Bôscoli**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.

MELLO, Zuza Homen de. **A Era dos Festivais, uma parábola**, São Paulo: Ed. 34, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. **História & Música: História Cultural da Música Popular**. BH: Autêntica, 2002.

_____. **A síncope das idéias : a questão da tradição na música popular brasileira**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Alberto Moby Ribeiro da. **Sinal fechado;a música popular brasileira sob censura(1937-45/1969-78)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

SOUZA, Tárík. **“Nara Leão, a musa com sabedoria”**. Livreto que acompanha a caixa com os 13 primeiros discos da carreira da cantora, lançados em CD pela gravadora Universal Music, em 2002.

VELOSO, Caetano. **Verdade tropical**. São Paulo: Cia. das Letras.1997.

5.Anexo

Anexo 01

Compositores mais Gravados:Esse quadro mostra a diversidade de cantores gravados pela intérprete , são eles de diferentes gêneros musicais mais uma vez reforçando a plasticidade de sua obra

